

Se não há máquina, use o serrote

O presidente da Associação dos Técnicos em Necropsia (Astén), Aldair de Almeida, explica que os 42 profissionais que atuam no IML recorrem a improvisos para continuar trabalhando. "Quando a serra automática está com defeito, a gente usa um serrote para fazer incisões nos cadáveres".

Os técnicos são obrigados a adotar outra gambiarra quando a missão é expor os ossos do crânio. A rugina — instrumento cirúrgico adequado para o procedimento — nem sempre está à disposição dos profissionais. Nestes casos, o serviço é feito com um formão de marceneiro.

Além do uso de instrumentos inadequados, a investigação do Ministério Público constatou a ausência de equipamentos de proteção. Os promotores identificaram falta de máscaras contra gases e de aventais e coleiras de chumbo para operadores de raio-X, carência de proteção contra insetos e má conservação dos carros para a remoção de cadáveres.

QUEIXA DE MÉDICOS

Cerca de 40% das queixas que chegam ao Sindicato dos Médicos do DF (Sindimédico) tratam da falta de condições de trabalho. A estimativa é do presidente da entidade, Arnaldo

Bernardino. Segundo ele, o problema não se restringe ao Instituto de Medicina Legal. "A lebre é levantada pelos profissionais do IML. Mas as condições a que os médicos de todos os setores estão expostos são subumanas".

O material de trabalho sucateado e a deficiência nas instalações físicas de hospitais são as principais reclamações. Bernardino avalia que a situação traz prejuízo tanto a médicos quanto a pacientes. "O perigo que o profissional corre de se autolesionar é grande".

Representantes do Sindimédico, do Conselho Regional de Medicina (CRM) e da Promotoria de

Defesa da Saúde (Prosus) se reúnem esta semana para esboçar um protocolo de conduta da categoria. O documento vai orientar o médico sobre como proceder em situações de risco.

Uma das orientações é bem simples. "O médico não deve assumir sozinho quando estiver diante de uma situação de risco — seja para ele ou para o paciente. Ele deve acionar a Defensoria Médica do sindicato", explica Bernardino. Um advogado da entidade vai ao local de trabalho e registra uma ocorrência, que pode ser usada pelo médico como peça de defesa — no caso de algum problema.